

Conjuntura No setor, rendimento cresceu 12,5% reais entre 2007 e 2010, mas ganho de eficiência só foi de 4%

Salário sobe mais que produtividade e puxa inflação em serviços

João Villaverde
De São Paulo

O ritmo de crescimento dos salários e da produtividade é distinto entre os setores da economia — mas é no setor de serviços, onde a inflação mais cresce, que a discrepância é maior e mais preocupante. Levantamento do Banco Central (BC) mostra que no conjunto da economia, os salários médios reais cresceram 10,7% e a produtividade 3,1% entre 2007 e 2010, abrindo uma diferença de 6,7 pontos percentuais entre os dois indicadores, que sobe para 8,5 pontos no setor de serviços. Por outro lado, a produtividade no setor de agropecuária cresceu 3,8 pontos percentuais acima dos ganhos salariais, descontada a inflação do período.

O estudo foi publicado no último boletim regional do BC. Os técnicos levaram em conta indicadores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) relativos ao volume do valor adicionado por setor no conjunto do Produto Interno Bruto (PIB), ao rendimento médio real e ao número de horas pagas a cada trabalhador. Foram levantadas seis categorias — agropecuária, indústria química, indústria de alimentos, comércio, transportes, e serviços — e os técnicos explicam que o objetivo foi investigar “possíveis pressões sobre preços derivadas dos aumentos dos custos de produção associadas ao trabalho”. O

texto explica que alguns setores, como fabricação de veículos e construção civil, foram desconsiderados no estudo devido à “reduzida participação do fator trabalho nos custos de produção”.

No segmento agropecuário, onde os técnicos do BC verificaram a maior distância entre os ganhos de produtividade e os salários — 9,7% e 5,8%, respectivamente, entre 2007 e o ano passado —, foi a forte inserção do setor no mercado externo. Segundo Marcos Costa Lima, professor na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), o agronegócio foi impulsionado pela “explosão de preços das commodities, a partir de 2007” a investir em incrementos na produção.

“Contaram, para isso, com dois fatores muito importantes: o câmbio em valorização, que permitiu a importação de máquinas, e amplo financiamento do BNDES para equipamentos nacionais”, diz Lima, em referência às linhas especiais concedidas pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) ao setor agrícola. “A tendência”, avalia Lima, “é que os salários continuem perdendo da produtividade, porque o uso de maquinário é crescente, ao mesmo tempo que a urbanização do país se acelera”.

Os resultados, de modo geral, são muito dependentes do ritmo de produção. Na indústria química, por exemplo, os salários chegaram a subir 14,5 pontos percentuais acima da produtividade entre o último trimestre de 2008 e os primeiros três meses de 2009 — período crítico da crise econômica mundial. Em seguida, com a recuperação da atividade em ritmo mais acelerado que a ampliação de vagas no setor, os ganhos de produtividade foram de 14,1 pontos percentuais até o fim de 2010.

“Nesse setor”, diz Alcides Leite, professor da Trevisan Escola de Negócios, “assistimos à lição básica dos ganhos de produtividade”. “Quando a economia começa a se recuperar, as empresas aproveitam tudo do pessoal ocupado, o que faz a produtividade dar saltos”, afirma. A tendência da economia como um todo, por outro lado, dos salários crescendo muito acima da produtividade, “não deve durar, mas porque a produtividade vai aumentar, pressionada pela demanda interna, não porque os salários deixarão de subir”, diz. Para Leite, “o país precisa se acostumar com o desenvolvimento, e isso passa por incrementos constantes nos salários”.

A discrepância no setor de serviços serve também para explicar a lógica do crescimento recente da economia. Segundo João Saiboa, especialista em mercado de

trabalho da UFRJ, por ser um setor onde a competição com o exterior é ínfima, e, ao mesmo tempo, o mercado doméstico está aquecido, os empresários podem repassar para os preços dos serviços que oferecem os custos mais elevados com mão de obra. "Trata-se de um setor intensivo em mão de obra, que representa cerca de 70% dos custos totais, e por estar em expansão, há muita demanda por trabalhadores, o que aumenta os salários", diz Saboia, para quem os números do BC "explicam claramente" o avanço dos preços dos serviços na inflação.

Nos 12 meses terminados em abril, os serviços acumularam alta de 8,6% nos preços, superior aos 6,5% acumulados no Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). "Ninguém corta cabelo nos Estados Unidos, ou faz reparação e conserto de casa ou de bens em outro país", diz Saboia, "então se a economia está aquecida e o prestador de serviço puder cobrar mais, ele não vai perder tempo".

Saboia avalia, também, que as condições do aquecimento recente da economia são "propícias" ao setor de serviços. Diferentemente dos primeiros anos da década, avalia o economista, quando o PIB

cresceu impulsionado pelas exportações, a atividade responde, cada vez mais, ao mercado doméstico. "O saldo comercial cai ano a ano, mas o PIB cresce ainda mais, impulsionado justamente pela demanda interna, que chama aumentos nos salários em setores como serviços e transportes, que não competem com importações, e isso é repassado aos preços finais", afirma o especialista.

No setor de transportes, onde os salários médios reais aumentaram 5,9% entre 2007 e o ano passado, e a produtividade apenas 0,1%, os técnicos do BC acusaram dificuldade na interpretação dos dados. "A produtividade não apresenta tendência definida no período", enquanto os salários aumentaram muito no segundo semestre de 2010 — entre julho e dezembro do ano passado, os ganhos salariais, descontada a inflação, foram 12,2 pontos percentuais maiores que o avanço da produtividade em igual período.

Nos anos 90, ganho de eficiência foi forte

De São Paulo

Se a década de 2000 foi puxada pelo aumento do emprego — mais de 16 milhões de vagas com carteira assinada foram criadas no período — e da renda — o salário mínimo saltou 70,3%, em termos nominais, entre 2001 e 2010 — a década de 90 foi marcada pelo acelerado ganho de produtividade na economia. Segundo economistas e especialistas em mercado de trabalho, as últimas duas décadas foram complementares no Brasil.

A década de 90 começou, logo no primeiro ano, com a abertura econômica promovida pelo então presidente Fernando Collor. As im-

portações, antes altamente taxadas ou mesmo proibidas em determinados setores (como na informática), passaram a ser incentivadas e mesmo o carro nacional passou a ser chamado de “carroça” pelo presidente — que sofreria impeachment em dezembro de 92.

A inflação, que atingiria 2.477% em 1993, não facilitava o trabalho das empresas nacionais, que passaram a competir com importados que vinham de países sem inflação. Entre julho de 1994 e janeiro de 1999, o país viveu sob regime de câmbio fixo, com o dólar mantido em torno de R\$ 1,00 — o que tornava o importado ainda mais barato.

“A única forma de sobreviver era por meio de enormes ganhos de produtividade”, diz João Saboia, economista da UFRJ e especialista em mercado de trabalho. Na região do ABC paulista, tradicional polo da indústria automobilística no país, trabalhavam 159,2 mil metalúrgicos em 1989, número que caiu a 79,2 mil operários em 1999 — hoje são 105 mil.

“Não há risco”, diz Saboia, sobre o fato de, nos últimos anos, os salários médios reais crescerem muito acima da produtividade. Na sua avaliação, os salários “estão apenas equilibrando os ganhos de produtividade dos anos 90”, diz. (JV)

Balança torta

Avanços da produtividade e dos salários entre 2007 e 2010



Fonte: IBGE, CNT, PME, PNAO, PIM-PF e Pimes. Elaboração: Banco Central



João Saboia: "Setor de serviços é intensivo em mão de obra e por estar em expansão há muita demanda por trabalhadores"